



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais
Aplicadas - FATECS

JULIANA BRAZ ALVES

Elementos de entretenimento no jornalismo investigativo
Um estudo sobre reportagens do Fantástico

Brasília
2016

JULIANA BRAZ ALVES

Elementos de entretenimento no jornalismo investigativo
Um estudo sobre reportagens do Fantástico

Trabalho apresentado à Faculdade de
Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas,
como requisito parcial para a obtenção ao
grau de Bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo no Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Professor Ms.Luiz Cláudio
Ferreira.

Brasília
2016

JULIANA BRAZ ALVES

Intersecções entre jornalismo investigativo e de entretenimento
Um estudo sobre reportagens do Fantástico

Trabalho apresentado à Faculdade de
Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas,
como requisito parcial para a obtenção ao
grau de Bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo no Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

BRASÍLIA, JUNHO, DE 2016

Banca Examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professora Isa Stacciarini
Examinadora

Professora Katrine Boaventura
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me concedido a oportunidade de trilhar o sonho que Ele predestinou em minha vida! Percorrer o caminho do jornalismo foi obra d'Ele e eu sou imensamente grata a todos os momentos que fui e sou presenteada a cada dia.

Quero agradecer também aos meus pais, Oneida Braz e Marcus Vinícius Alves. Pode ser clichê, mas sem vocês eu não seria nada! Obrigada por todas as oportunidades que me proporcionaram ao longo de toda minha vida! Sem a batalha diária de vocês eu não seria capaz de erguer esse diploma com tanto orgulho! Obrigada por serem a calma no meu mar revolto. A profissão que hoje tenho, devo imensamente a vocês e, saibam, eu não vou decepcionar!

Não posso deixar de fora a minha cara metade, meu anjo da guarda aqui na terra, minha geminha, Danielle Braz. Foi você minha Dali, que me acompanhou todos os dias nesse longo caminho e se transformou em minha rocha quando eu mais precisei! Minha companheira de vida, obrigada!

Quero imensamente agradecer ao meu professor e mestre, Luiz Cláudio Ferreira. Foi você Luiz, quem me ofereceu a chance de me apaixonar pelo jornalismo! Mesmo sendo totalmente crua e um filhote de foca, você enxergou em mim o que eu não conseguia ver, e me deu a oportunidade de aprender com uma pessoa que é exemplo de profissional e amigo! Obrigada por todo o carinho, paciência e ensinamentos ao longo desses anos, quero um dia poder te encher de orgulho como jornalista.

Dedico um agradecimento especial para minha *best*, Deborah Fortuna. Após todos esses anos de faculdade, eu seria injusta se não reconhecesse todo o apoio que eu recebi de você. Debs, sem sua ajuda e companheirismo eu não seria metade de quem eu sou hoje! Meu eterno obrigado a pessoa que, mesmo quando eu desacreditei, teve esperança por nós duas! Quero também dizer ao querido Adriano Nunes, que esses três anos não seriam a mesma coisa sem ele! Você Adri, será bem sucedido em qualquer coisa que quiser, meu irmãozinho!

Aos meus amigos e futuros jornalistas, Júlia Campos, Maria Clara Monteiro, Felipe Rocha e Nabil Sami, não se esqueçam que agora é a nossa hora de brilhar e “sapatear” nesse mundo grande de Meu Deus! A vocês que hoje sentem coragem de sonhar, desejo boa sorte, de todo o meu coração!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo identificar elementos de entretenimento no jornalismo investigativo no quadro “Cadê o dinheiro que tava aqui?” no programa dominical Fantástico, da Rede Globo de Televisão. A atração é considerada uma revista eletrônica. Para isso, como objeto, foram selecionadas quatro edições disponíveis entre agosto de 2015 e abril de 2016. A discussão abriga os significados de jornalismo Investigativo, jornalismo de entretenimento e Infotenimento, e a hibridização entre os dois temas. O jornalismo de Infoenimento não é muito discutido e estudado pelos especialistas da área. Em vista disso, essa monografia tem também como intuito de divulgar a classificação que acrescenta e está cada vez mais presente nos meios de comunicação. A reboque da identificação dos elementos do entretenimento presentes nas matérias investigativas, verifica-se como a presença desses componentes complementam ou prejudicam o material. Uma das conclusões da pesquisa é que existem elementos de entretenimento na narrativa investigativa e esses podem ser válidos para compreensão das informações, em que pese a redução de assuntos complexos, conforme alguns estudiosos acreditam. Para outros que possuem a linha de pensamento contrária, ao misturar esses componentes há uma degradação informativa e o público confunde o conhecimento.

Palavras-chaves: Jornalismo. Entretenimento. Infotenimento. Investigativo. Hibridização.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O JORNALISMO NA TV	9
2.1. Uma história	10
2.2 Surgimento da TV a cabo	13
3. GÊNEROS JORNALÍSTICOS	16
4. JORNALISMO INVESTIGATIVO	21
5. JORNALISMO E ENTRETENIMENTO, O INFOTENIMENTO	26
6. HIBRIDISMO NO JORNALISMO	31
7. METODOLOGIA	34
8. ANÁLISE	39
9. CONCLUSÃO	48
10. REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

O campo do jornalismo impõe uma fronteira clássica entre entretenimento e investigação. A palavra “entretenimento” causa ainda estranhamento em profissionais ou pesquisadores do jornalismo. De acordo com Amaral (2008), o jornalismo tem como objetivo informar, enquanto o entretenimento diverte. Pensando assim, contextualiza-se que as fronteiras de cada um são flexíveis, mas, quando os assuntos se incorporam ou hibridizam-se, os contornos podem se tornar visíveis. Amaral ainda pontua que mesmo notícias que não tenham o objetivo informativo são encaixadas na categoria do jornalismo.

As demarcações entre o jornalismo e entretenimento são usadas de modo ‘diferenciado’. Da mesma forma que uma notícia pareça superficial, pode se situar como uma narrativa jornalística. Essa pesquisa trata exatamente da intersecção entre investigação e entretenimento. A hipótese é de que há elementos de um gênero no outro. Assim, esta monografia tem como objetivo identificar se elementos do jornalismo de entretenimento têm sido utilizados em materiais investigativos a fim de observar de que forma colaboram ou interferem as reportagens.

No caso observado, o objeto de estudo analisado é o quadro “Cadê o dinheiro que tava aqui?” do programa dominical Fantástico, da Rede Globo. O conteúdo se apresenta como uma atração da “revista eletrônica” televisiva, levando a informação junto com o entretenimento para os telespectadores.

O tema se revela como um fenômeno a ser estudado pela própria ideia de transformação dos gêneros e leva em conta também o indiscutível prestígio da televisão no Brasil. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia (2015), 79% da população que assiste a programas televisivos, utiliza para se informar. Enquanto 67% prefere se entreter. No rádio, os números são mais próximos. 63% usa para saber as últimas notícias, enquanto 62% prefere se divertir. Na internet a porcentagem é a mesma, os 67% que a utilizam para obter informações são os mesmos que usam para o entretenimento.

O entretenimento é elemento essencial para qualquer programa televisivo. Isso não significa que nele estará presente a comédia, já que sua função é estimular a atenção e interesse do telespectador. Posto isso, a programação pode ser informativa e entreter quem está assistindo. No entanto, no jornalismo tradicional essa relação não é bem aceita, já que matérias de entretenimento são conceituadas como um subproduto.

De acordo com Dejavite (2007, p.09), o entretenimento para o público se resume em entreter. “A separação de informação e entretenimento não faz sentido para o receptor, já que o oposto do entretenimento veiculado pela mídia não é conteúdo informativo e sim o conteúdo que não lhes agrada, as matérias que não chamam a atenção.”

Qual a real função do jornalista? Divulgar a informação? Relatar os acontecimentos? Noticiar a atualidade? Contar histórias? A resposta para todas as perguntas é sim. Mas, segundo a jornalista Fabia Angélica Dejavite, o público exige que a notícia distraia e também traga informação. Se essas características não estiverem presentes, não vão chamar atenção da audiência.

As matérias investigativas perdem o foco quando misturadas com entretenimento? O que faz diferença nesse cenário é a qualidade da informação a ser passada ao público. Quando se tem uma finalidade, as ações se justificam, mas produzir enredos meramente para transformar o sentido da notícia não é aceitável. Tudo tem hora e lugar para ser executado. Arbex (2002) interpreta Baudrillard ao citar que as fronteiras do real e ficcional ao serem incumbida à mídia não cria somente os fatos, como também a “opinião pública” sobre esses fatos. “Para ele, a capacidade de ‘colonização do imaginário’ pela mídia transformou a própria opinião em mero simulacro” (ARBEX, 2002, p. 54).

O público consegue diferenciar os dois? Eles se completam? São perguntas que me motivaram a seguir com essa proposta. Existe uma linha tênue entre o jornalismo e o entretenimento. E até que parte ela é respeitada? A investigação continua imaculada?

A monografia está organizada em seis capítulos de desenvolvimento, organizados da seguinte maneira: o primeiro capítulo busca explicar o jornalismo na TV. Mostrando o começo da história da televisão no Brasil, trazendo também principais características, precursores e definições. O segundo capítulo consiste em definir os gêneros do jornalismo, determinando as fronteiras de cada e classificando-os.

O terceiro capítulo foca no jornalismo investigativo e seus elementos principais para utilizar essa classificação. No quarto capítulo, a definição se dá do jornalismo de entretenimento – o Infotainment e suas prerrogativas. O capítulo quinto aborda o híbrido do jornalismo, a intersecção do investigativo com elementos do entretenimento e vice-versa. O último capítulo será sobre a análise dos programas.

2. O JORNALISMO NA TV

A televisão passou e já está deixando de fazer parte no cenário das casas dos brasileiros e os programas jornalísticos transmitidos pelas emissoras são, por vezes, os únicos contatos das famílias com informação noticiosa ou de entretenimento. Segundo Barbeiro e Lima (2002), a televisão é um fenômeno de massa que possui um grande impacto na vida social da população. É um recurso usado para divulgação de feitos, sonhos e anseios para o público. “A televisão é a janela para o eterno e presente, registra cenas da história da humanidade imaginadas apenas nos filmes de ficção” (BARBEIRO e LIMA, 2002, p. 13.).

De acordo com Paternostro (1999), a necessidade do conhecimento levou o homem a um desafio: conquistar meios mais eficientes para a propagação da informação. A história humana se confunde com a história da invenção desses novos meios.

Se o rádio consegue dar a notícia “em primeira mão”, não há dúvida de que a TV surge com sua arma poderosa e infalível: a informação visual, a imagem em movimento. [...] Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que aparece no ar por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre. (PATERNOSTRO, 1999, p.63.)

Curado (2002) pode complementar Paternostro quando aborda a função principal do ofício. Para a autora, jornalistas não podem revogar o princípio do que é mais importante: a informação. De acordo com a autora, a informação nem sempre é “visual”, o que não deve é torna-la invisível por isso. O encantamento pelo vídeo pode produzir uma farsa, ainda que seja uma boa atração.

Ao afirmarmos que “TV é imagem” nos esquecemos de que a imagem informativa pressupõe um contexto, ou será o fácil encadeamento de flagrantes. Somos jornalistas de TV, mais que olho. Somos corações e mentes. (CURADO, 2002, p.11.)

As notícias de que a televisão brevemente seria inaugurada no Brasil movimentaram jornais e revistas da década de 50. Difundiram um alvoroço em grandes manchetes dos jornais como “a televisão vem aí ... não basta ter apenas voz.” A imprensa por não querer sair da zona de conforto, não apoiava a iniciativa de Assis Chateaubriand, achavam que ele fosse louco. Era ousadia demais, já que nos Estados Unidos a televisão se apresentava com dificuldades. Mas, o “Velho

Capitão”, como era chamado pelo jornalista David Nasser (1934), pensava fora da caixa.

2.1. Uma história

No dia 18 de setembro de 1950 chegava oficialmente ao país a TV Tupi, canal 3 de São Paulo, canal que transmitia para pouco mais de 100 televisores na cidade de São Paulo, a pioneira da América Latina. Dois dias depois da sua inauguração, foi ao ar o primeiro telejornal: Imagens do Dia, que transmitia imagens brutas (sem edição) dos fatos e acontecimentos daquela data. O telejornal durava o tempo necessário para mostrar todas as ocorrências e imagens.

A arma secreta da televisão para a conquista do público foi a presença de imagens, já que elas são mais fortes do que as palavras. Desse modo o telespectador se sente presente e familiarizado com a apresentação da notícia.

A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção. As palavras devem, então, servir como suporte a essa imagem, dar apoio, complementá-la. (PATERNOSTRO, 1999, p. 63.)

No ano seguinte, foi a vez do Rio de Janeiro estreitar o noticiário mais importante da década, o Repórter Esso, com a frase emblemática “Aqui fala o seu Repórter Esso – testemunha ocular da história”, apresentado por Gontijo Teodoro. O jornal era feito de notícias nacionais e internacionais. Mas, um impasse surgiu. A Rádio Nacional, que apresentava O repórter Esso pela rádio, não permitiu que o mesmo nome fosse usado. Depois de muita discussão, um acordo foi fechado, no qual recebeu seu nome definitivo - O seu repórter Esso - com o qual ficou no ar por quase 19 anos.

Como seria razoável supor, os telejornais eram produzidos precariamente e careciam de um nível mínimo de qualidade. As falhas se originavam tanto das grandes deficiências técnicas quanto da inexperiência dos primeiros profissionais, a maioria procedente as emissoras de rádio. (REZENDE, 2000, p.106.)

Diferentemente do que ocorre no século 21, naquela época, as falhas apresentadas eram muito pequenas, por ser um número limitado de aparelhos televisivos entre a população. Possuir uma televisão nos anos 50, era luxo e por razão disso, as

críticas feitas aos telejornais ficavam restritas a uma pequena parcela dos brasileiros.

Segundo consta, uma das câmeras quebrou e o técnico norte-americano que orientava os trabalhos não estava o local naquele momento. Até que a situação fosse contornada, os telespectadores aguardaram cerca de 40 minutos. Como existiam poucos televisores em São Paulo, Chateaubriand mandou instalar duzentos aparelhos em pontos de movimento da cidade, como a Praça da República, para que o público pudesse assistir ao acontecimento e comprovar a existência da televisão! (PATERNOSTRO, 1999, p. 29.)

No início da história, a linguagem do telejornal era mais próxima à do rádio. As frases eram longas e traziam detalhes sobre os assuntos destacados. Na transmissão os apresentadores davam as notícias um tom “dramático”, enfocando a voz e não a imagem. O locutor passava os acontecimentos como ocorridos, enchendo-os de detalhes e adjetivos. Por essas características que o Repórter Esso (citado acima) se transformou em um grande sucesso.

Foi em 1960 que a televisão se estabeleceu de vez no Brasil e o avanço do jornalismo se aflorou. As emissoras brasileiras intensificaram a presença dos telejornais nas grades de programação. “Mas o avanço do telejornalismo, nessa época, decorreu não da novidade tecnológica e sim porque entrava numa fase de grande criatividade e expansão intelectual” (REZENDE, 2000, p.107.)

O símbolo da mudança no jornalismo começou em 1962, quando o Jornal de Vanguarda foi exibido na TV Excelsior, trazendo os jornalistas para atuar como produtores e cronistas apresentando as notícias. Nessa época os profissionais não vinham do rádio, agora, vindos do impresso traziam sua experiência para a televisão. O texto jornalístico ganhou força nas vozes de Luís Jatobá e Cid Moreira. Além de ser prestigiado no Brasil, o Jornal de Vanguarda foi reconhecido internacionalmente por sua originalidade estrutural e a forma como era apresentado.

Mas, todo começo tem um fim. Toda essa condecoração se deparou com o golpe de 64, onde o jornal resistiu algum tempo, contudo, após a Ato Constitucional nº5, a equipe resolveu extingui-lo. Diante dessa situação, o telejornalismo brasileiro adota o modelo norte-americano e acaba com a participação dos jornalistas como apresentadores e os locutores voltam a comandar os noticiários.

As mudanças na linguagem televisiva eram nítidas nas produções de entretenimento. O telejornalismo continuava a sofrer com a falta de estilo próprio.

Esta forma de expressão da TV - pela imagem e só subsidiariamente pela palavra - é que tem sido ignorada pelos editores do telejornalismo brasileiro, reduzido a um radiojornalismo televisado pela leitura de notícias ou a um misto de jornalismo falado, impresso e cinematográfico. (REZENDE, 2000, p.108.)

No final da década de 60, o Brasil começa a importar tecnologias inovadoras dos Estados Unidos, nesse período dois fatos marcam o começo de uma nova fase: O fim do histórico Repórter Esso, na TV Tupi e a criação do Jornal Nacional (JN), na Rede Globo de Televisão. Sua estreia se deu em 1º de Setembro de 1969 e logo se tornou líder de audiência, se tornando referência nacional até os dias de hoje.

A televisão brasileira na década de 70 especificou-se pelo desenvolvimento técnico. O planejamento primoroso refletia-se na programação por inteiro, mas se destacava mais em outro programa, Fantástico - o Show da Vida. Idealizado por Bonifácio De Oliveira e Borjalo, em 1973, o programa veio com a intenção de mudar radicalmente a programação dominical com uma junção de entretenimento e jornalismo.

Claro que não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com o excelente "timing" texto e imagem (pode ser que você não se lembre, mas com a Globo começamos a assistir a esta coisa quase impossível: os programas entrarem no ar na hora certa). (PIGNATARI, 1984:14; apud REZENDE, 2000, p.113.)

Durante a fase de censura mais dura, o telejornalismo, principalmente o praticado pela Globo, acabou se distanciando da realidade vivida pelos brasileiros. A emissora encontrou saída nos programas de entretenimento, aonde eles se aproximavam afetivamente da audiência.

Os telejornais se mantiveram distantes dos grandes fatos políticos nacionais, levando aos jornais mesmo na época da rigorosa censura do governo Médici. Sobre política a televisão foi omissa ou, como querem os produtores de seus noticiários, obrigada a ficar omissa, reservando os seus horários mais nobres para a lacrimosidade das telenovelas e riso "non sense" de seus shows milionários. (MAIA, 1977; apud REZENDE, 2000, p.115.)

Segundo Rezende (2000), a superficialidade na abordagem dos fatos impedia a

prática de um jornalismo mais denso e crítico. Para o telejornalismo brasileiro o comando de um jornalista na bancada dos programas foi decisivo para estabelecer uma nova maneira de apresentar as notícias para o público.

No percurso do telejornalismo brasileiro, a estratégia de colocar o Jornal Nacional entre duas novelas no horário nobre da televisão fez com que o público fosse fiel ao jornal das “oito” dando segurança para a emissora. De acordo com a pesquisa da TV Foco, em fevereiro de 2016 o JN marcou 29.1 pontos de média e 43% de share (cada ponto equivale a 69.4 mil domicílios na Grande São Paulo), igualando o recorde de audiência em 2016.

De acordo com Ávila (1982, p. 60; apud: REZENDE, 1985, p. 117) “Em 1979, o JN alcançava a marca de 79,9% da audiência nacional, o que correspondia a 11.985 mil televisores e 59.925 mil telespectadores ligados no noticiário.”

A evolução do primeiro telejornal para os de hoje é natural e notória independente da emissora que apresenta. Eles precisam cumprir várias exigências para que o público possa acompanhar e se informar de maneira clara, didática e compreensível. O telespectador não lê a notícia, ele escuta e assiste. Segundo Curado (2002) o público não pode interromper o apresentador quando ele possui alguma dúvida sobre a informação apresentada, por isso que a comunicação produzida pela TV necessita de compreensão imediata.

A maneira como a notícia é apresentada não pode despertar dúvidas quanto ao seu significado. Se o espectador precisar se perguntar se compreendeu o sentido do que ouviu, a notícia não foi dita com clareza (CURADO, 2002, p. 20).

Com a rapidez que a sociedade se desenvolve, ocorre uma imposição para a mídia televisiva acompanhar, uma dessas mudanças qualitativas é a interatividade. Atualmente, os conteúdos desses programas não se resumem só na televisão. “A internet põe nas mãos do telespectador meios muito mais eficazes para influir diretamente no conteúdo da programação.” (BARBEIRO, 2002, p. 49.)

2.2 Surgimento da TV a cabo

Nos anos 50, o surgimento da TV a cabo iniciou-se com uma ideia engenhosa dos vendedores de eletrodoméstico, nos Estados Unidos. Em alguns estados, as

idades eram afetadas por se localizarem em regiões montanhosas. Isso fazia com que as imagens chegassem sem qualidade para a população. Os vendedores instalaram uma antena de captação em um ponto mais alto da cidade, e faziam demonstrações em suas lojas. Com uma imagem limpa e de qualidade faziam com que as pessoas comprassem os aparelhos. Mas em casa, sem a antena, a imagem era desastrosa.

Os vendedores começaram a puxar cabos da suas antenas até as casas dos compradores e começaram a cobrar por esse serviço. Era uma espécie de sistema comunitário de distribuição de sinais. Ficou conhecido como Community Antenna Television System – CATV.

Em pouco tempo, o cabo começou a ser visto como uma boa saída para distribuir os sinais de emissoras em áreas metropolitanas, e não somente para distribuir canais locais como também programas exibidos em cidades maiores, que eram trazidos para cada região já através de pequenas rotas de micro-ondas. (PATERNOSTRO, 1999, p. 38.)

Com a evolução da tecnologia nos anos 70, os telespectadores começaram a receber transmissão de programas diferenciados. Surgiram os primeiros canais temáticos, como previsão do tempo, movimento das bolsas de valores e eventos culturais. Com esse avanço, a distribuição de canais se desenvolveu. Segundo Paternostro (1999), os telespectadores recebiam uma programação especial e pagavam por isso.

Em 1980, um jovem chamado Ted Turner comprou uma pequena estação de televisão nos EUA e lançou a primeira rede de TV a cabo de notícias, 24 horas, sete dias por semana, 365 dias por ano: a Cable News Network – (CNN). Um canal particularizado em jornalismo.

A TV por assinatura vinha crescendo na década de 90, o cabo atingiu mais de 90% dos casas americanos. E cerca de 70% da população possuía TV por assinatura naquela época.

Na Pay-TV o telespectador é um consumidor, pois paga pela programação que quer ver e é valorizado por isso, ao contrário da TV aberta, em que o telespectador é passivo e faz parte de uma audiência como um todo. Na TV paga, o negócio é a segmentação para agregar o assinante. (PATERNOSTRO, 1999, p. 40.)

No Brasil, a programação paga chegou tarde em relação a outros países. Foi na década de 80 que os primeiros projetos começaram a sair do papel. Em 1991 surgiu a Globosat, cobrindo as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro. Eles optaram por programar seus canais e não só transmitir os estrangeiros. Seus primeiros canais foram Telecine, com filmes 24 horas na programação; GNT (Globosat News Television) com 18 horas no ar, transmitindo noticiários da CNN, documentários, saúde, turismo ...; Multishow, também com 18 horas de programação com músicas, shows, óperas ...; e Top Sport, transmitindo os melhores e principais eventos de esporte produzidos pelo mundo todo.

Mesmo chegando com atraso em um país considerado em desenvolvimento quando o assunto é televisão, a TV por assinatura provocou uma mudança no comportamento de uma determinada faixa de público. Ao longo desses últimos anos, as opções se ampliaram e ofereceram a liberdade de escolher, sem restrições, o que realmente se quer ver na tv. (PATERNOSTRO, 1999, p.43.)

O primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas na TV por assinatura foi a *Globo News*, entrando no ar em 15 de outubro de 1996. O primeiro telejornal foi o *Em Cima da Hora*, um jornal que mostrava notícias do mundo todo que passava ao longo do dia. A cada hora cheia o jornal tinha a duração de 25 minutos de notícias do Brasil e do mundo, eram 22 edições em 24 horas. Durante a madrugada, de 1h às 6h da manhã, eram cinco minutos ao vivo, sempre na hora cheia.

A *Globo News* se tornou uma referência nas redações dos jornais, rádios, revistas e outras televisões. Fundamentada na CNN, o canal já tinha sua maneira de fazer o jornalismo brasileiro, marcando presença na pay-TV.

A *Globo News* cativou o telespectador, e em março de 1999 se tornou o terceiro canal de audiência na base de assinantes da Net, superado apenas pelo Telecine e Sportv – filmes e esportes, dois temas que tradicionalmente representam os mais altos índices de audiência na TV por assinatura em todo o mundo. (PATERNOSTRO, 1999, p. 49.)

As transmissões ao vivo de notícias no Brasil e mundo passaram a ser a assinatura do canal. Segundo a autora (1999) desde o final de 1997, nenhum acontecimento de grande repercussão deixou de ser transmitido ou de ter uma cobertura intensa jornalística.

3. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Neste trabalho em que se observa a intersecção de gêneros, é importante realizar revisão literária sobre o assunto. Os estudos sobre gêneros textuais, dentro do jornalismo, começaram na Europa e ganharam força nos anos 50. Segundo o professor José Marques de Melo (2003), um dos principais estudiosos do tema no país, os gêneros jornalísticos são formados por um conjunto de circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística transmite para o público.

Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (MARQUES DE MELO, 2003, p.64.)

No livro de Marques de Melo (2003), é abordada a classificação de outros estudiosos sobre os gêneros jornalísticos. Na categorização de Joseph Folliet (2000), são os seguintes gêneros:

1. Editorial
2. Artigos de fundos
3. Crônica geral (resenha dos acontecimentos)
4. Despachos (reportagens e entrevistas)
5. Cobertura setorial
6. Fait-divers
7. Crônica especializada (crítica)
8. Folhetim
9. Fatos e legendas
10. Caricaturas
11. Comics (quadrinhos)

O autor defende que essa classificação é bem abrangente e inclui todas as matérias publicadas nos jornais, inclusive anúncios publicitários. Na prática do jornalismo norte-americano, a classificação se divide em *stories* e *comments*. Especificando o que realmente é informativo e o que é precisamente opinativo. Segundo a classificação de Fraser Bond, ele explora mais duas categorias: “o jornalismo

interpretativo (que faz a “explicação das notícias”) e o jornalismo de entretenimento (que comenta “os aspectos pitorescos da vida cotidiana”).”

A) Noticiário

- 1) Notícia
- 2) Reportagem
- 3) Entrevista
- 4) História de interesse humano

B) Página Editorial

- 5) Editorial
- 6) Caricatura
- 7) Coluna
- 8) Crítica

Para o jornalismo alemão, Emil Dovifat, ressalta três tipos de “estilos”: estilo “informativo”, estilo de “solicitação de opinião” e estilo “ameno”.

A) Informativos

1. Notícia
2. Report
3. Entrevista

B) De opinião

4. Editorial
5. Artigos curtos
6. Glosa (crônica/suelto)

C) Amenos

7. Folhetim (resenha cultural)
8. Crítica
9. Recreio e espelho cultural (novela, conto curto, série, feature, versos, fotografia e desenho)

Com essa classificação, Dovifat trata de uma provável intersecção entre os gêneros da imprensa alemã e os modos de expressão do jornalismo literário.

De acordo com o jornalista e um dos precursores dos estudos sobre gêneros no Brasil, Luiz Beltrão, três categorias poderiam ser elencadas: jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. Citado por Marques de Melo (2003), Beltrão sugere uma separação de gêneros segundo as funções que desempenham junto ao público leitor: informar, explicar e orientar.

Segundo a classificação:

- a) Jornalismo informativo
 - 1. Notícia
 - 2. Reportagem
 - 3. História de interesse humano
 - 4. Informação pela imagem
- b) Jornalismo interpretativo
 - 5. Reportagem em profundidade
- c) Jornalismo opinativo
 - 6. Editorial
 - 7. Artigo
 - 8. Crônica
 - 9. Opinião ilustrada
 - 10. Opinião do leitor

De acordo com Beltrão, o jornalismo interpretativo ressalta critérios, onde ele identifica o objeto e o interesse para o seu público.

De acordo com essa orientação, ao jornalismo interpretativo cabe identificar, em primeiro lugar, as notícias de valor absoluto, que despertam o interesse e importam a todos os seus leitores; e, em seguida, as demais, em uma gradação estabelecida pelas seguintes circunstâncias básicas:

- 1. Proximidade no tempo
 - 2. Proximidade no espaço
 - 3. Número e qualidade das pessoas envolvidas
 - 4. Valor material e/ou ideológico
- (BELTRÃO, 1976, p.73.)

O autor define cada um dos quatro itens estabelecidos. Segundo ele, a proximidade no tempo se refere à oportunidade de se divulgar o fato, se ainda está “quente” para

ser significativo na vida do público. A espacial diz respeito à localização do acontecimento, o que ocorre no país tem mais relevância do que lá fora.

Já o número e a qualidade das pessoas envolvidas, seja como afetadas ou participantes, se refere mais do que só popularidade e posição social. O valor material e/ou ideológico afeta o equilíbrio econômico ou cultural do público, sendo objeto de informações importantes.

Em uma reflexão mais recente, Marques de Melo (2003) possui afirma que considera só duas das três categorias de Beltrão. São elas o informativo e opinativo. Conforme o autor (2003, p.63), “o jornalismo articula-se, portanto, em função de dois núcleos de interesse: a informação (saber o que passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o assunto).

Partindo desse argumento, sua classificação é o informativo, que se divide em nota, notícia, reportagem e entrevista; e o opinativo que abrange editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. De acordo com Nixon (1985), o jornalismo preenche algumas funções, e uma delas é o diversional que, mais tarde, pode ter evoluído para o conceito de Infotainment.

Preenche os momentos de ócio das pessoas ou comunidades, oferecendo informações não necessariamente utilitárias, mantendo seções que buscam entreter, ou abrindo espaço para prender o interesse do público, divertindo-o. Essa função corresponde ao *jornalismo diversional*. (NIXON, 1985 apud MARQUES DE MELO (1985) p. 28-29.)

Percebemos que na classificação de Marques de Melo não se encontra o jornalismo interpretativo, segundo ele em uma entrevista concedida a Lia Seixas, o autor só teria identificado somente esses dois gêneros na imprensa diária.

[...] De lá pra cá, eu venho pesquisando a cada 5 anos e fui encontrando evidências de que outros gêneros foram surgindo. O gênero interpretativo que teve uma vigência muito forte nos anos 60 e 70, desapareceu nos anos 80, voltou nos 90 e agora está se desenvolvendo muito. (SEIXAS, 2008.)

Em seu livro *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1985), Marques de Melo cita um dos mais importantes teóricos do jornalismo interpretativo, Curtis MacDougall, onde

segundo ele, “interpretar significa: identificar “causas e motivos”, compreender a “significação”, efetuar “análises” e “comparações” e realizar “previsões”.”

Interpretação é um julgamento objetivo, baseado no conhecimento acumulado de uma situação, tendência ou acontecimento. O julgamento editorial, por sua vez, é avaliação subjetiva; pode incluir uma perspectiva dos fatos, mas existe um elemento adicional e diferenciador chamado impacto emocional. A opinião deve ser confinada, quase religiosamente, na página editorial; a interpretação é uma parte essencial do noticiário.” (MARQUES DE MELO, 1895, p.31.)

O autor ainda cita um novo gênero, o jornalismo *diversional*. Essa classificação não é aceita por Beltrão.

Lendo cuidadosamente toda a concepção de jornalismo formulada por Beltrão percebemos que ele coincide com a atitude de Nixon, encarando o jornalismo como uma atividade *séria*, onde não há lugar para brincadeira, para diversão. Sendo uma atividade comprometida com o “senso comum”, ela deve se ater ao universo estrito do real, da verdade, da atualidade. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 60.)

Temos que lembrar que o *diversional* não tem sido uma categoria legitimada nos currículos acadêmicos e muitas vezes é confundido com o *interpretativo* em ambientes de trabalho. Até em vista disso, tornam-se necessárias mais pesquisas sobre esse fenômeno visível. Segundo Marques de Melo (1985), as charadiegodas, palavras cruzadas e histórias em quadrinhos não se estabelecem como matérias jornalísticas. São mensagens próximas do imaginário sendo rotuladas dentro do campo do lazer. Dessa maneira, “não tem portanto caráter jornalístico, o que ocorre também com anúncios publicitários.”

O jornalismo diversional [...] engloba aqueles textos que, fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens captados pelo repórter. Entre os gêneros que integram o jornalismo diversional estão as histórias de interesse humano, as histórias coloridas, os depoimentos, etc. (MARQUES DE MELO, 1985, p.34.)

Esse gênero faz com que os assuntos que já passaram se tornem atuais, envolvendo cada vez mais a atenção do leitor. Essa classificação é muito usada em revistas ilustradas, já que segundo o autor, esse tipo de jornalismo resgata formas literárias.

4. JORNALISMO INVESTIGATIVO

Um estudante de jornalismo aprende desde a primeira aula que os materiais investigativos têm valores de noticiabilidade maiores do que os conteúdos agendados e factuais, com coberturas previstas. Autores denotam, inclusive, a dificuldade de se estabelecer uma fronteira visível sobre o que é investigativo. Haveria jornalismo que não envolva investigação?, questiona-se.

De acordo com o jornalista Fernando Rodrigues, por exemplo, “jornalismo investigativo” pode ser considerado um pleonismo, já que a atividade jornalística possui uma dose de investigação. Mas, é de conhecimento dele que nos últimos anos esse termo é utilizado para reportagens que demandam mais tempo do profissional.

A grande investigação jornalística não ocorre por geração espontânea ou apenas pelo desejo de repórter. É sempre necessário encontrar alguém, pelo menos uma boa fonte bem posicionada. Essas fontes qualificadas existem, em geral, quando há interesse contrariado. O que nos leva a um dos melhores axiomas a grande reportagem: onde há interesse contrariado nasce o jornalismo. (RODRIGUES, apud LOPES, 2003, p. 104.)

Enfim, a presente pesquisa trabalha com conceitos que identificam a classificação como um esforço diferenciado para a produção. Para Mario Sergio Conti, “jornalismo investigativo é aquele que trata de assuntos que não estão diretamente na ordem do dia da publicação, que revela algo que não se sabia” (CONTI Apud LOPES, 2003, p. 112.). Ele defende a ideia de investigação ultrapassando as fronteiras do crime.

Se você fizer, por exemplo, uma reportagem sobre a TV Globo, pode não encontrar nenhum crime, mas é Jornalismo Investigativo do mesmo jeito. Não necessariamente encontrará um crime. O jornalista pode chegar a uma coisa criminoso ou irregular, mas não significa que tenha que ser crime. (CONTI, 1999, apud LOPES, 2003, p.112.)

Já Cleofe Sequeira (2005) considera o jornalismo investigativo como uma categoria que surgiu da transformação das empresas jornalísticas em indústrias de comunicação, quando o leitor passa a ser o objetivo do produto final.

Ele se transforma em jornalismo investigativo quando o repórter utiliza técnicas e estratégias peculiares, que não fazem parte da rotina dos jornalistas de atualidade, e quando torna públicos acontecimentos que grupos de poder querem esconder da sociedade. (SEQUEIRA, 2005, p. 62.)

Segundo Lopes (2003), o objetivo do jornalismo investigativo além de tentar definir e denunciar fraudes, ele também precisa expor injustiças, dar informações aos leitores sobre os seus governantes e suas intenções e reconstruir acontecimentos importantes.

O jornalista investigador é quem provoca a informação, é quem dá os passos necessários para a obtenção dos dados que necessita para completá-la, aquele que busca, compara e não um mero receptor de informação. (LOPES, 2003, p.15.)

Conforme ele aponta, o jornalismo investigativo se resume em dois pontos: 1) a busca da verdade oculta; 2) juntar os cacos da realidade e estabelecer relações entre eles. Desse modo, a categoria do investigativo pode ser considerada um dos gêneros nobres do jornalismo.

Nascimento (2007), por exemplo, estabelece uma diferença nas tipologias “jornalismo de investigação” e “jornalismo investigativo”, sendo que o primeiro seria aquele ligado ao acompanhamento de ações policiais e judiciais, enquanto que o segundo estaria ligado a iniciativas do próprio repórter de descobrir a novidade

Souza (1999) afirma que, no Brasil, esse jornalismo denominado de investigativo sempre existiu. Para ele, o que se alterou ao longo do tempo foi a prática desse modelo. Nos anos 70 ninguém utilizava essa terminologia, mas de acordo com Percival, o importante é o tipo de jornalismo em que o repórter precisa lutar para conseguir as informações e ter uma metodologia para construção da reportagem.

Percival divide a “reportagem especial” em duas categorias: a reportagem investigativa descritiva, onde o repórter entrevista várias fontes para ir fundo na captação de informações, tem a narração descritiva e o texto fica no limite do literário e do jornalismo. A segunda, o texto favorece os fatos que são denúncias. Nesse caso o repórter utiliza de estratégias para conseguir informações.

Ele precisa batalhar pela informação, descobrir quem pode desvendar algum fato que está sendo escondido da sociedade: e, para isso, usar de metodologia especial (SOUZA, 1999, apud SEQUEIRA, 2005, p.63.)

Para Conti, trata-se de mais um modo de fazer do que “um tipo” de jornalismo. “Jornalismo investigativo é um conjunto de técnicas que você pode usar em qualquer tipo de jornalismo: econômico, político, esportivo, de divulgação científica.”

(SEQUEIRA, 2005, p.64). Uma das funções principais do jornalismo é supervisionar o Estado e ser um mecanismo para a população na busca de melhores condições. Segundo ele, é difícil encontrar essas reportagens na imprensa brasileira.

Se o estado não cumpre suas obrigações, é o Jornalismo Investigativo que tem a função social de cobrar esclarecimentos, de fazer esse trabalho que a população necessita [...] qualquer veículo pode fazer Jornalismo Investigativo, mas ninguém está interessado em fazer porque se ganha mais escondendo do que publicando notícia. (CONTI, 1999, apud LOPES, 2003, p. 85.)

Diego Escosteguy (2005) concorda que existe uma escassez de matérias investigativas no Brasil, mas no seu ponto de vista não é a corrupção, mas a crise no jornalismo de maneira geral – boa parte por problemas financeiros e dificuldade das empresas de comunicação em lidar com isso. Produzir um material investigativo custa caro às redações, exige tempo, viagens, investimentos, uma equipe para focar no assunto. “Muitos repórteres para uma mesma investigação durante um período geralmente longo – sinônimo de prejuízo para as redações que mal conseguem tocar o dia a dia (...)”, (apud FORTES, 2005, p.90)

Hoje, o maior inimigo do jornalismo investigativo não está no crime organizado, no governo, no Congresso ou no Judiciário. Está na grande imprensa, que o maltrata cotidianamente: tanto quando decide não o fazer, como quando o faz de forma malfeita. (ECOSTEGUY, 2005, apud FORTES, 2005, p.91.)

De acordo com Melo, a investigação tem o dever de informar, e desse modo combater hipocrisia dos governantes e da população. “Esse é o papel que a própria sociedade atribui aos jornalistas e repórteres.” (MELO Apud LOPES, 2003, p. 132.). Mas, segundo o jornalista, “não é para qualquer um. Tem que ter preparo, tempo e estrada e, principalmente muita leitura.”

Leandro Fortes compartilha da mesma ramificação de pensamento. Segundo ele: o jornalismo investigativo é algo mais complexo, trabalhoso e perigoso. Não se assemelha com a rotina natural das redações. Exige talento, tempo, dinheiro, paciência e sorte (FORTES, 2005, p. 10.).

O pensamento de Lage se assemelha com o de Fon e Melo, ao definir jornalismo investigativo, o autor o denomina como o guardião da sociedade. Que seria aquele que evidencia as misérias e informa a real versão dos fatos.

O jornalismo investigativo começou a crescer depois da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), e teve seu ápice nos Estados Unidos, com o Caso *Watergate*, que colaborou para a queda do presidente Nixon em 1974. O caso fez a mídia enxergar que precisava indagar cada vez mais as versões oficiais e todos os momentos em que os fatos ficavam ocultos. A lição aprendida pelos jornalistas da época foi considerar informações de lados incomuns. “É fundamental que o jornalista investigativo tenha o senso de busca da verdade, justiça e do equilíbrio.” (LOPES, 2003, p.11.)

Com grande impacto na mídia internacional, no Brasil, foi retardado pela ditadura militar (1964-1985). Com a volta gradativa da democracia houve mudança nos perfis das redações, com a presença de jovens jornalistas e a renovação do jornalismo aconteceu com o movimento das “Diretas, Já”. De acordo com o jornalista Andrei Meirelles, o jornalismo investigativo não se trata apenas de uma nova aparência para a antiga reportagem policial, para ele existem várias razões onde são pontuadas duas.

Primeira, a mudança de foco, voltada para o chamado crime do colarinho branco, para a corrupção nas diversas estruturas de poder. A outra é o perfil das fontes – em vez de delegacias de polícia, os melhores informantes para esse novo tipo de cobertura migraram para o Ministério Público, nos Parlamentos com suas CPIs e na Polícia Federal. (MEIRELES, apud FORTES, 2005, p. 89.)

Não podemos deixar de considerar a independência no jornalismo investigativo. Já que a prática do mesmo deixa de ser possível sem uma liberdade. Conti é concludente ao dizer que a democracia necessita do jornalismo investigativo. Segundo Sequeira (2005), o jornalista investigativo requer liberação de qualquer tipo de compromisso na fase de apuração que possa comprometer ou influenciar o trabalho. Percival de Souza cita a política como uma dos vários tipos de independência necessária. Claro que todos possuem ideologias, mas utilizar acima da profissão, de acordo com ele, é *merchandising*.

“Ter objetivo político, ser ligado a um partido, não se harmoniza com a função social do jornalista. Aliás, misturar jornalismo com bandeirola de partido não tem sentido. Agitou a bandeirola política, matou o jornalismo.” (SOUZA, 1999, apud SEQUEIRA, 2005, p.98.)

Pelos autores lidos para o trabalho é possível conceituar o jornalismo investigativo como algo diferente do que estamos acostumados. Ou seja, é ir além do comum, é

aprofundar no assunto escolhido, não precisa ser somente uma denúncia de irregularidades ou desvios, mas sim uma fuga do dia a dia.

5. JORNALISMO E ENTRETENIMENTO, O INFOTENIMENTO

Sempre existiram ao longo de nossa história atividades em que a população se divertia. A mais famosa aconteceu em Roma, na formação do Império Romano com a política do Pão e Circo. Para evitar que a população se rebelasse, o governo romano distribuía trigo e programava espetáculos, como corridas de bigas e lutas de gladiadores. Desde então, entreter a sociedade é sinônimo de lazer.

O conceito de entretenimento se transformou ao longo dos séculos 19 e 20, segundo o autor Luiz Trigo (2003), como consequência do capitalismo em sua fase pós-industrial. A indústria do entretenimento movimenta cerca de cinco bilhões de dólares por ano nos EUA.

De acordo com Michael Wolf, a indústria de entretenimento cresceu, nos Estados Unidos, mais que a automobilística, siderúrgica ou o setor financeiro.

Dentro apenas das possibilidades domésticas – cinema, televisão, vídeo, música popular, esportes, parques temáticos, rádio, cassinos, revistas, livros, jornais, brinquedos etc. – entretenimento é, em várias partes do mundo, o setor econômico que mais cresce. Isso é uma verdade nos países desenvolvidos e em alguns países em desenvolvimento. Mas um impacto ainda maior refere-se em como o fator entretenimento tornou-se uma vantagem competitiva, um diferencial, em virtualmente todos os aspectos da imensa economia de consumo. (WOLF, 1999, apud TRIGO, 2003, p. 26.)

Conforme Trigo (2003), o entretenimento tem o poder de nos levar cada vez mais para dentro dele e de nós mesmos. Desse modo, ele lida com os seus espectadores como massa, ao contrário da arte que, segundo elitistas, os trata como indivíduos. O entretenimento é associado ao divertido, fácil, sensacional, previsível, e é por isso que agrada tanto.

O autor define que para a elite o povo é preguiçoso e infantil. Desse modo, o ele se pergunta em como diferenciar a arte e cultura do entretenimento destinada à diversão do lixo cultural que abarrota os espaços na TV, revistas e jornais sensacionalistas.

Segundo o autor, na sociedade existem três categorias bem complexas sobre o universo cultural, elas se dividem em: a arte e a cultura em geral; o entretenimento; e o lixo produzido com finalidades racistas, pervertidas ou grotescas. “O

entretenimento é uma parte importante das sociedades pós-modernas e precisa ser bem compreendido e discutido ao lado de outros tópicos.” (TRIGO, 2003, p. 35.)

O que se pode ressaltar em uma análise inicial é a importância social, cultural e econômica do entretenimento na vida das pessoas, especialmente as que habitam os bolsões pós-industriais do planeta. Há muitos exemplos que demonstram como o entretenimento permeia nossa sociedade e se torna uma força econômica, uma referência cultural e um estilo em vários segmentos sociais. (TRIGO, 2003, p.35.)

Os estudos sobre a importância dos meios de comunicação de massa surgiram na primeira metade do século XX e se difundiram depois da Segunda Guerra Mundial com o crescimento da mídia.

De acordo com Bucci (2006), o "entretenimento" não é um substantivo desprovido de carga ideológica. Seu significado é entendido, até hoje, como algo que acontece no tempo livre, no intervalo de atividades sérias, no tempo de lazer da sociedade. Para o autor, foi a partir da metade do século 20 que o entretenimento deixou de ser atribuído a atrações especializadas em distrair o público e se transformou em uma indústria diferenciada.

Mais do que uma indústria, um negócio global. Com o advento dos meios de comunicação de massa, a palavra, sempre que enunciada, traz consigo esse sentido material: o de negócio. Assim como a própria palavra indústria – que antes nomeava apenas uma habilidade humana – mudou inteiramente de sentido com a revolução industrial, a palavra entretenimento foi revolvida por um processo de resignificação definitivo a partir da indústria do entretenimento. (BUCCI, 2006.)

De acordo com Rabaça (1978), o jornalismo se divide em quatro gêneros, sendo o entretenimento um deles. Segundo o autor, a função do entretenimento abrange os veículos jornalísticos de modo geral, estando presentes até mesmo nas matérias de teor preponderantemente informativas.

Os momentos escolhidos para ler os jornais são intervalos de repouso: o descanso que segue ao almoço, à espera do jantar ou a hora de dormir, sobretudo entre os homens. A leitura dos jornais é a distração conscientemente procurada durante os tempos mortos, nos transportes nas salas de espera, nos feriados, quando chove. (STOETZEL, apud RABAÇA, 1978, p.268.)

Segundo Dejavitte (2007, p.1.), a função de entreter, no jornalismo, tem sido desprezada e julgada como um subproduto e até como um desvio de atenção do receptor para assuntos mais relevantes, “as matérias de entretenimento no espaço editorial seria a informação para aquele que não procura informação.”

Para Saxer (apud KUNCZIK, 1997, p. 105-106.) nem sempre o entretenimento precisa ser divertido, mas não há nada mais divertido do que definir o entretenimento. Desse modo, para o receptor, o contrário da mensagem de entretenimento não é a informação, mas o que não lhe atrai. Bosshart discorda de Saxer, para ele, o entretenimento pode ser visto de uma maneira positiva.

Em uma atmosfera relaxada o telespectador deve aprender, sem esforço, que 'há outras coisas no mundo' e que 'sempre se deve usar o cinto de 20 segurança'. Mas não deve perceber, sob nenhuma circunstância, que algo lhe está sendo ensinado. (BOSSHART, 1984, apud KUNCZIK, 1997, p. 108.)

No final do século XX surgiu um novo termo determinando para o entretenimento no jornalismo, é o Infotenimento (informação + entretenimento). Mas foi só nos anos 90 que essa expressão ganhou força na boca dos acadêmicos e estudiosos do tema. Dejavite, define bem o novo tipo do jornalismo:

O *jornalismo de Infotenimento* é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos que atende às necessidades de informação do receptor de hoje. Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão. (DEJAVITE, 2007, p.2.)

Segundo a autora, o jornalismo tinha o papel de informar e formar opiniões da população com base nos acontecimentos, e o entretenimento servia para divertir essas pessoas. Hoje, as fronteiras entre o entretenimento e o jornalismo nunca praticamente não existem. E o *jornalismo de Infotenimento* contradiz essa ideia de segregação dos gêneros. “O limite ético que separa jornalismo e entretenimento não existe.” (DEJAVITE, 2007, p.03.). O autor Jorge Pedro Souza (2000), não compartilha da mesma visão. Para ele, jornais tem como objetivo informar a sociedade, essa população que tem capacidade e consciência crítica para interferir.

Informar jornalisticamente será, assim, em síntese, permitir que os cidadãos possam agir responsabilmente. Na minha opinião, entreter “jornalisticamente”, pelo contrário, tende a degradar, em maior ou menor grau, essa função informativa e, consequentemente, reguladora e mediadora, que os meios de comunicação possuem na sociedade (SOUSA, 2000, p. 63.)

No artigo *A não-notícia, um produto do Infoentretenimento*, a autora Fabiana Moraes da Silva (2008), cita a visão da autora Fontcuberta, onde a mesma apresenta dois conceitos da notícia no Infotenimento, 1) as notícias de interesse humano e 2) as notícias de criação. A primeira tem o propósito de culminar a emoção do leitor, de forma sutil ou evidente.

A lágrima, a voz embargada, o suor no rosto: informações dessa natureza colocadas no contexto de outras notícias, mesmo das consideradas *hard news*, dão toques, ainda que suaves, de interesse humano aos textos. (SILVA, 2008, p. 104.)

Para Fontcuberta, esse tipo de notícia está na fronteira entre as notícias diretas e as notícias de criação, já que mesclam a informação mais seca com o estilo narrativo. Já as notícias de criação entretêm o leitor, complementa a informação da notícia direta e incorpora novas formas de narração e linguagem ao jornalismo, que estão inseridas as notícias de criação. De acordo com a autora, esse tipo de notícia rompe com as estruturas da notícia direta e realiza-se com mais liberdade narrativa, utilizando anedotas, descrições, diálogos, etc. (SILVA, 2008 p. 104.)

Já conforme a autora Márcia Amaral (2008) em seu artigo *Os (des)caminhos da notícia rumo ao entretenimento*, explica que o jornalismo se desloca para o entretenimento quando ele não possui o objetivo de informar e ampliar o conhecimento do leitor. “Se é verdade que o entretenimento informa, também é correto afirmar que essa não é sua função precípua, assim como ao discurso jornalístico não cabe divertir” (AMARAL, 2008, p.66.)

A sociedade hoje pede que a notícia traga a informação sobre o assunto e não deixe de lado a distração. Se as informações não tiverem essas características, como consequência não agradarão ao público. Dejavite (2007) classifica como notícias *lights*. Resumidamente, a notícia *light* pode ser definida como aquele conteúdo rápido, de fácil entendimento, efêmero, de circulação intensa, que busca divertir o receptor. “Agora as informações devem ter três qualidades principais: serem fáceis, rápidas e divertidas.” (RAMONET, 2001, apud TRIGO, 2003, p.101.)

Dejavite (2007, p. 5) cita Tarruella e Gil, onde os autores afirmam que se antes era importante dar um furo de reportagem, hoje o objetivo é que a notícia “pegue” ou se

propague em grande escala. Segundo os autores (p. 6), são três características principais que a notícia deve ter:

- 1) Capacidade de *distração* – ocupa o tempo livre, para não aborrecer;
- 2) *Espetacularização* – estimula e satisfaz aspirações, curiosidades, ajuste de contas, possibilidades de extravasar as frustrações, nutre a imaginação;
- 3) *Alimentação das conversas* – facilita as relações sociais, oferecendo temas de conversação do dia-a-dia, como boatos e notícias sobre celebridades.

O autor David Berlo (2003, p.9) consente sobre a inviabilidade de desagregar o entretenimento de informação, “a distinção informar– persuadir– divertir causará dificuldade, se supusermos que esses fatores possam ser considerados como objetivos de comunicação independentes” desse modo, o autor avalia que a comunicação de massa possui todas essas particularidades.

Dejavite (2007, p. 10) cita o estudioso Michael Maffesoli (1989), onde ele afirma que o leitor está interessado em informações importantes que ajudem na sua interação social, na compreensão de si, entretanto os jornalistas preferem imaginar de outro modo.

[...] no fundo o leitor interessa-se pelo que lhe diz respeito. [...] Por mais que isso horrorize os críticos politicamente corretos, as pessoas não querem só informação na mídia, mas também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. A informação serve de cimento social; mais do que saber se Bush vai ou não invadir o Iraque, um leitor, um ouvinte, um telespectador distante da área desse conflito quer saber, com frequência, de coisas muito menos sérias, mas não menos importantes para a coesão social. (2007, p.10.)

Para Dejavite (2007) o conceito do Infotimento está diretamente relacionado com os aspectos positivos e negativos identificados em relação ao entretenimento, e, claro, com as suas próprias características e limitações.

6. HIBRIDISMO NO JORNALISMO

O termo “híbrido” remete a ideia do “cruzamento” e “intersecção” de duas modalidades ou espécies diferentes. A junção de B com C resultaria em algo que não fosse mais B ou C, mas D. Os gêneros jornalísticos não são puros em suas narrativas, as relações não são “quadradas”. Uma classificação pode transitar livremente com a outra, sem restrições. Dentro desse fenômeno da comunicação, tudo se mistura.

Para começo de reflexão, Rondelli (1997) classifica os gêneros televisivos em: real, os telejornais e documentários; e ficcional, que seriam as telenovelas e seriados. Segundo ela, existe uma busca da produção ficcional em produzir nas imagens um Brasil real. Desse modo, faz parte da estratégia quando a Globo alterna uma novela urbana com uma rural, assim ela ativa a válvula de reconhecimento dos os telespectadores.

Os produtores ficcionais telenovelas e seriados não só se nutrem dos episódios e temas da realidade exibida nos telejornais como também, ao abordarem questões contidas nas várias esferas dos debates contemporâneos, tornam-se eles próprios, notícias. Num movimento inverso, passam a alimentar a pauta dos jornais e telejornais, como ocorreu com a exibição do seriado *Decadência*, escrito por Dias Gomes, transmitido em setembro de 1996 e que provocou matérias sobre a Igreja Universal, sobre os evangélicos, sobre mudanças políticas recentes etc., assim como anteriormente ocorrera na Globo com *Anos Rebeldes*, transmitida em 1991. (RONDELLI, 1997, p. 154.)

Dessa forma a televisão ganha audiência e exerce na construção de valores públicos. Rondelli (1997) cita em seu artigo *Realidade e Ficção no discurso televisivo*, o autor Roberto Darnton, onde ele afirma que “o contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia, e as matérias também adquirem forma sob a influência de técnicas herdadas de contar histórias.”

Assim, segundo ela, o fato da televisão narrar histórias ou notícias possui a facilidade de produzir, para o público, ideias ou verossimilhanças para que esses fatos se tornem acessíveis.

Os telejornais, diante de um enorme e fragmentado conjunto de fatores e eventos cotidianos, lançam mão de suas rotinas estabelecidas e dos filtros já antecipadamente dados pelos seus valores-notícias para selecionar aquelas passíveis de serem formatados como objetos de tratamento

noticioso e daí passarem a frequentar a agenda pública dos debates e das opiniões. (RONDELLI, 1997, p. 155.)

Segundo o autor Luiz Gonzaga Motta (2005), alguns assuntos que são abordados nos noticiários aparecem e permanecem por períodos consecutivos curtos ou longos. Outros aparecem e são interrompidos por alguns dias, semanas ou meses, mas, voltam a reaparecer de acordo com os valores notícia do jornal. “As notícias são assim, fragmentos dispersos e descontínuos de significação parciais.” Conforme Motta, elas se diferenciam dos filmes ou romances, pois os mesmos são integrais e o ciclo cronológico da intriga se completa.

Desse modo, Motta afirma que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais. “As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com as nossas pretensões.”

Motta segue a mesma linha de pensamento de Rondelli. Para ele, as narrativas midiáticas se classificam em fáticas (notícias, reportagens, documentários, transmissões ao vivo, etc) e fictícias (novelas, clipes musicais, filmes, histórias em quadrinhos, etc.). De acordo com o autor, os produtos veiculados pela mídia exploram narrativas fáticas, imaginárias ou híbridas procurando ganhar o leitor, ouvinte ou telespectador

Explora o fático para causar o efeito real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades). Jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentido. (MOTTA, 2005, p. 2.)

Segundo Rondelli, as vias de intervenção da realidade sobre o ficcional demonstram uma relação intertextual tão promíscua, ao ponto de tornar impossível a fixação de fronteiras nítidas entre os dois universos.

Estamos diante de um processo de elaboração artística mimeticamente conectado com um real que passa a ser construído nas pautas de produção ficcional de um meio televisivo que informa e fertiliza, de forma simultânea e massiva. (RONDELLI, 1997, p.154.)

A classificação do jornalismo em categorias ocorre com a intenção de deixá-lo mais didático para apresentação ao público. Mas, ao compararmos, os estudados nesse

projeto, o jornalismo investigativo com o entretenimento veremos que eles podem se entrelaçar e cada qual utiliza artifícios do outro. Onde uma definição de fronteiras entre dois “ambientes”, torna-se impossível de se localizar.

7. METODOLOGIA

A partir dos conceitos revistos neste trabalho e com a finalidade de chegar ao objetivo proposto (o de identificar elementos de entretenimento no jornalismo investigativo), busca-se aqui apontar um caminho de observações que possam amparar um método sistemático de análise. Antes de retomar o objeto de estudo, é necessário compreender alguns fundamentos sobre metodologia de pesquisa em comunicação. No tocante a esse trabalho, a ideia é a de se ater aos documentos disponíveis (as reportagens coletadas no Fantástico).

Na busca de um método de pesquisa, dois olhares para as narrativas são aqui destacados em relação a estratégias que poderiam ser elencadas o estudo de caso e a análise de conteúdo.

Em seu livro, o autor Robert Yin (2001, p. 1.) cita que em geral o estudo de caso é a estratégia preferida para responder as questões do tipo “como” e “por que”, e “quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.”

De acordo com Yin, o estudo de caso permite uma investigação para preservação das características dos eventos da vida real. E essa é a estratégia escolhida para examinar acontecimentos contemporâneos, quando não se pode manipular comportamentos relevantes, tendo pouco ou nenhum controle.

Embora os estudos de caso e as pesquisas históricas possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. (YIN, 2001, p.27.)

Para João Pedro Ponte (2006), o objetivo do estudo de caso é evidenciar a sua identidade e as características que interessem o pesquisador.

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse. (PONTE, 2006, p.2.)

Desse modo, o estudo de caso propõe dominar e conhecer bem um assunto, instituição, disciplina ou pessoa. Outra estratégia possível para o trabalho seria o de análise de conteúdo.

Bardin (1977) destaca que, de uma maneira geral, a sutileza dos métodos de análise de conteúdo corresponde a dois objetivos: a ultrapassagem da incerteza, e o enriquecimento da leitura. Em outras palavras, a análise de conteúdo nas mensagens deveria ser aplicável a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do suporte, possuindo duas funções, que na prática podem ou não dissociar-se:

Uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo “para ver o que dá”. Uma função de “administração da prova”: hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de directrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo “para servir de prova”. (BARDIN, 1977, p.29.)

Desse modo, as duas funções podem coexistir de maneira complementar. Bardin classifica a análise de conteúdo como um método empírico, dependente do tipo de fala que se dedica e da interpretação. “A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento.” (p. 31.)

Mas, o que é a análise de conteúdo? Segundo Bardin, é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações.”, não se trata de apenas um instrumento, mas de um leque de variedades no campo a ser aplicado. De acordo com a autora, qualquer deslocamento de significações do emissor para o receptor controlado ou não, deve ser escrito, decifrado pelas técnicas da análise de conteúdo. Assim, ela cita P.Henry e S.Moscovici (1968), de acordo com eles, “tudo que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo.” (HENRY e MOSCOVICI, 1968, apud BARDIN, 1977, p.33.)

Bardin (1977) afirma que a análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” (exemplo: a análise da temática), embora possa ser também uma análise dos “significantes” (análise léxica, análise dos procedimentos). Mas, de um modo geral, ela resume dessa forma:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42.)

A análise de conteúdo tem foco na palavra, na prática da língua exercida por um emissor que seja identificável. Segundo Bardin, “retomando a metáfora do jogo de xadrez, [...] a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado [...]” (p.43)

Para este trabalho, especificamente, as reportagens selecionadas foram as mais recentes exibidas na televisão. Elas vão de agosto de 2015 a abril de 2016. Está definida a seguinte amostra do quadro *Cadê o Dinheiro que Tava Aqui?* :

Reportagem 1 – Prefeitura de cidade do PR distribui medicamentos vencidos a doentes

Data de veiculação: 02/08/2015

Repórter: Eduardo Faustini

Cinegrafista: Luiz Cláudio Azevedo

Editor: Tony Marques e Fillipi Nahar

Reportagem 2 – Prefeito que se diz honesto é flagrado escondendo propina nas meias

Data de veiculação: 08/11/2015,

Repórter: Eduardo Faustini

Cinegrafista: Luiz Cláudio Azevedo

Editor: Renato Nogueira Neto e Alexandre Tandy

Reportagem 3 – Prefeito e primos são suspeitos de desviar R\$ 94 milhões em golpe

Data de veiculação: 06/12/2015

Repórter: Eduardo Faustini

Cinegrafista: Ronaldo Rodrigues

Editor: Tony Marques e Alexandre Tandy

Reportagem 4 – Repórter Secreto investiga acusado de ter desviado 100 milhões de reais

Data de veiculação: 10/04/2016

Repórter: Eduardo Faustini

Cinegrafista: Rodrigo Pires

Editor: Toni Marques e Fillipi Nahar

Para o estudo em questão, a análise segue dois passos:

- a) Descrição e identificação dos objetos em relação a investigação e entretenimento.

- 1) Descrição de conteúdo

Nesse item, são descritos os temas das quatro reportagens escolhidas para serem analisadas. Dando ênfase no texto do repórter e a quantidade de entrevistas.

- 2) Elementos que mostram o “jornalismo investigativo”

São identificados conteúdos conforme foi salientado na revisão de literatura, tendo em vista que o jornalismo investigativo não é uma classificação qualquer, é o instrumento que o jornalismo possui para mostrar as injustiças que acontecem com a população.

A observação se dá em duas frentes:

- I. Elementos na imagem

São observadas fotografias, artes, movimento de câmera, jogo de luz.

- II. Elementos no texto

Nesse item, são observados elementos do texto do repórter e dos entrevistados.

3) Elementos de entretenimento

Conforme foi ressaltado na revisão de literatura e tendo em vista que a sociedade hoje pede que a notícia traga a informação sobre o assunto e não deixe de lado a distração, são notados conteúdos de Infotainment e entretenimento nas reportagens.

I. Elementos na imagem

São observados conteúdos de Infotainment e de entretenimento explorados na reportagem, como o uso de artes, luzes, câmeras, imagens.

II. Elementos no texto

São observados elementos dos textos do apresentador (editor), do repórter e das falas escolhidas para os entrevistados (sonora).

b) Leitura analítica e considerações sobre intersecções

Após essa identificação ser feita, o método sugerido para esta pesquisa busca avaliar à luz do que foi estudado quais as vantagens para a informação.

8. ANÁLISE

Neste capítulo, serão expostas as análises dos itens especificados de acordo com o que foi delineado no método acima.

Reportagem 1 – Prefeitura de cidade do PR distribui medicamentos vencidos a doentes

1) Descrição de conteúdo

O tema da primeira reportagem de 9'25" divulga conspiração da prefeitura de Ibema no Paraná com distribuidoras de remédios. Segundo a narrativa, eram vendidos e distribuídos medicamentos vencidos para a população, além de prejudicar as pessoas, o esquema também desviava milhões de reais do dinheiro público. É uma matéria com personagens que tiveram suas vidas bastante afetadas com essa irresponsabilidade do governo. A reportagem possui 26 sonoras, entre elas fontes especializadas e personagens.

2) Elementos que mostram o “jornalismo investigativo”

I. Elementos na imagem

A primeira reportagem traz imagens escuras, típicas de filmes de ação, policiais do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado, o GAECO, buscando algo em um porão. Além disso, escutamos conversas gravadas dos suspeitos, vemos filmagens de contratos, notas fiscais e licitações, provas do crime que envolve as distribuidoras de remédios e secretários municipais. Também são utilizadas “filmagens escondidas” dos suspeitos em ações comprometedoras e gravações de conversas dos mesmos. O repórter aparece no final da reportagem, mas sempre coberto de azul, símbolo do repórter invisível.

II. Elementos no texto

A primeira reportagem possui aproximadamente 17 elementos no texto que remetem à investigação. Palavras e frases como: “subterrâneos do crime”, “provas de crime”, “golpe inclui frade em licitação e superfaturamento”, “desvio de 20 milhões de reais”, “investigar os movimentos dela”, “pequena parte da corrupção”, “propina”,

“investigações da corrupção”, “esquema de licitações fechadas”, “prática de desvios de medicamentos”, “superfaturamentos de notas”, “emissão de notas fictícias”, “lesar o erário (dinheiro) público e principalmente a população local”, “esquema hediondo”, “forma de deixar que alguém morra”, “contabilidade da propina” e “falcatrua”.

3) Elementos de entretenimento

I. Elementos na imagem

A apresentação da matéria começa com remédios espalhados pelo chão do estúdio e a imagem do ratinho (slogan do quadro) computadorizado, aparece e morre ao consumir os remédios vencidos (correspondendo a uma narrativa ficcional com finalidade diversional). Na hora da investigação, a trilha sonora é bastante parecida com a de um filme de ação, complementando as imagens que têm essa proposta. Na apresentação dos réus que foram presos, as fotos do prefeito, da secretária de saúde e uma funcionária, do secretário de finanças, e três homens diretores das empresas de distribuição dos medicamentos saem de uma caixinha de remédio (3'45"). O repórter aparece sete vezes na matéria e seu corpo está sempre coberto por uma cobertura azul e sua voz é modificada.

II. Elementos no texto

Ainda que o tom de voz não seja objeto da análise, pode ser relevante acentuar que, ao chamar a primeira reportagem, o narrador-apresentador (Tadeu Shimidt) usa de uma entonação da voz mais grave do que a do restante do material, demonstrando emoção e indignação pela denúncia já na chamado do VT (18"). Utilização de expressões como “dando uma geral”, “dinheiro sujo”, “coisa esquisita”, “tá de olho”, “de graça”, “sente só” e “papelada”. No final da matéria, o texto fica mais forte ao falar da saúde pública, ““cadê o respeito a saúde da população de Idema?” (9'10").

Reportagem 2 – Prefeito que se diz honesto é flagrado escondendo propina nas meias

1) Descrição de conteúdo

A segunda reportagem aborda a corrupção de prefeitos nas cidades do interior do nordeste. Esses que surrupiam o erário (dinheiro público), escondendo-o até em suas meias. Um pagava notas frias com recursos públicos, o outro chantageava a principal construtora da cidade, e o último tentou comprar o silêncio de um cidadão que o denunciou. Conforme isso ocorria, a população ficou dias sem ter acesso a água, além dos professores não receberem salário e crianças sem estudar. São 31 sonoras compondo a reportagem de 8'5'', com fontes especializadas, fontes que não querem ser identificadas e personagens indignados com a situação que estão vivendo.

2) Elementos que mostram o “jornalismo investigativo”

I. Elementos na imagem

A segunda reportagem também utiliza de filmagens com câmera escondida dos suspeitos recebendo propinas, além de flagrantes de ações criminosas (imagens feitas por telefone celular). O material começa com um dos prefeitos acusados de corrupção, dizendo a frase: “chega de corrupção!” (3'36"). O outro prefeito, que não quis aparecer na reportagem, foi flagrado recebendo propina, e o último surge na narrativa tentando comprar o silêncio do cidadão que o tinha denunciado, com imagens do documento que o tal cidadão deveria apresentar e retirar a denúncia (7'2"). Também vemos imagens de provas contra um dos prefeitos (6'20"). Além da população ficar dias sem água, não contaram com atendimento na saúde e nem ambulâncias, já as que a do município estão sucateadas. O repórter aparece no vídeo sete vezes, uma delas é entrevistando um dos suspeitos, e ele sempre está coberto de contorno azul e com a voz alterada.

II. Elementos no texto

Na segunda reportagem encontramos crimes como “improbidade administrativa” (corrupção), “acusações de desvio de recursos”, “propina”. Além de frases do prefeito de Tanque D'Arca (AL) como: “é a hora de chegar e dizer, chega de corrupção”; de um das fontes que não quis se identificar e foi chantageada pelo prefeito: “tinha medo de morrer porque ele é perigoso”; frase do procurador geral da justiça: “a corrupção em alagoas é endêmica em especial no município de São Luís do Quitunde (AL)”, e ele explica os crimes cometidos pelo prefeito do município:

“dezenas atos de corrupção, de atos de improbidade administrativa, bem como de infrações penais que atentam contra o erário (dinheiro público)” e “flagrante de corrupção explícita”. Frases do narrador-apresentador (Tadeu Schimit) como: “o prefeito usava o erário para pagar despesas reais, só que do carro dele”. No município de Ielmo (RN) o narrador-apresentador diz: “dá pra escolher o problema, por exemplo, a saúde”, e a secretária adjunta da saúde comprova, “existia um atendimento de 24 horas e isso foi cortado”, “temos ambulâncias totalmente sucateadas”.

3) Elementos de entretenimento

I. Elementos na imagem

A segunda reportagem é apresentada de forma simples, onde o ratinho computadorizado (slogan do quadro) aparece correndo com dinheiro no bolso enquanto os apresentadores chamam o VT. A matéria começa com o prefeito da cidade de Tanque D'Arca, em Alagoas, afirmando que não recebeu dinheiro da empresa que tem as principais construções da prefeitura. Em seguida é mostrada uma gravação escondida do mesmo recebendo propina, com uma trilha sonora de Erasmo Carlos, *Pega na Mentira* (41"; 3'01"). A música muda para uma de suspense com o intuito de mostrar a seriedade da ação do tal prefeito em aceitar propina da empresa de construção escondendo o dinheiro até nas meias (2'24").

II. Elementos no texto

Está presente na segunda reportagem expressões coloquiais comuns como “pra maracutaia tem grana”, “dinheirinho suspeito”, “fora!”, “qual nada”, “se embananou”, “tá devendo sim”, “nossa senhora mãe do povo!”, “ah!”, “tá na mira da justiça”, não é só”, “surrupiado”, “cadê o prefeito?”, “aluguel de mentira”, “estão na tábua”. Mesmo que a entonação da voz não seja analisada, é bom destacar que sempre quando o apresentador-narrador quer destacar alguma ação destoante da lei, ele coloca uma entonação mais forte na voz para que a população perceba que tem algo errado naquela situação (5”).

Reportagem 3 – Prefeito e primos são suspeitos de desviar R\$ 94 milhões em golpe

1) Descrição de conteúdo

A terceira reportagem com 8'27" investiga o desaparecimento de 94 milhões de reais desviados pelo prefeito da cidade de Itapemirim (ES) e seus dois primos. O município recebe 200 milhões de reais dos royalties do petróleo por ano. Enquanto isso a população não vê a cor do dinheiro e permanece sem água e sem moradia, já que a prefeitura não entrega as casas prontas, enquanto isso elas estão sendo saqueadas. Possui 26 sonoras entre fontes especializadas, as que não querem ser identificadas e depoimentos da população.

2) Elementos que mostram o “jornalismo investigativo”

I. Elementos da imagem

A terceira reportagem começa com a câmera se movimentando rápido com uma trilha sonora de filme de ação, enquanto mostra o promotor de justiça analisando alguns documentos e falando dos crimes cometidos pela quadrilha do prefeito juntamente com os primos. Depois disso, aparece a população revoltada da cidade de Itapemirim (ES) dando testemunho sobre as circunstâncias que estão vivendo. Além de filmagens onde vemos os depoimentos dos suspeitos na delegacia, filmagens escondidas de um dos acusados de fraude, que não quis falar, e um laranja. Aparece também uma nota da prefeitura explicando que “a aplicação dos recursos financeiros poderá ser atestada por qualquer cidadão”. (7'34"). O repórter aparece sete vezes durante a reportagem, coberto de azul e com a voz modificada.

II. Elementos no texto

Na terceira reportagem, encontramos frases do texto do repórter como: “os contratos que foram apreendidos pelo ministério público, e que são objetos de investigação, somados atingem a cifra de 94 milhões de reais aproximadamente, festival de fraudes e de pagamento de propinas”, “o prefeito e os primos, estes que se quer ocupavam na época, cargos públicos no município, comandavam não apenas a cidade como contratação fraudulenta”, “recebiam em média 10% de propina sobre todos esses contratos apreendidos”, “cobravam propina de seis mil reais, mas cobravam propina também de um milhão”, “festival de fraudes e propinas”, “a realidade do município é incompatível com as riquezas que ele recebe”, “obra em

uma rua da cidade foi licitada por 34 milhões de reais”, “depois de uma operação no ministério público, o prefeito Luciano de Paiva Alves acabou sendo afastado do cargo pela justiça”.

3) Elementos de entretenimento

I. Elementos na imagem

A terceira reportagem inicia com a imagem do ratinho computadorizado fugindo enquanto o VT é chamado (14”). Quando de fato a matéria começa, blocos espalhados vão formando palavras, símbolo do cifrão (\$), gráficos de consultoria e obras. Além de carrinhos de brinquedo e a trilha sonora de filmes de contos de fadas (23”). Quando o assunto se torna sério, a trilha sonora muda para uma de investigação e a câmera começa a se movimentar mais rápido. Ao citar os royalties do petróleo que a cidade ganha, como exemplo é usado o desenho de uma plataforma petrolífera minando dinheiro (1’11”). Uma das investigadas pelo ministério público é confirmada como uma laranja, e no vídeo aparece uma laranjinha para exemplificar (3’29”). Desenhos de uma cozinha perfeita e brilhando aparecem para comparar a realidade da população com a mentira dos envolvidos na fraude (4’05”). No final da matéria os três acusados dos tais desvios aparecem em uma arte, onde os primos carregam o prefeito para ironizar a “quadrilha” (8’17”).

II. Elementos no texto

Ao chamar a reportagem, o narrador-apresentador usa da expressão “esquema em família”. Também é encontrado dialetos comuns como “obras de fantasia”, “roubalheira”, “até aí, ok!”, “ih!”, “tá”, “olha ela aí”, “só que não”, “faz-me rir”, “jabaculê”, “bola” e “cambalacho”. Mesmo não sendo material de análise, a entonação de voz do apresentador muda ao falar dos elementos citados acima em relação as outras partes da matéria.

Reportagem 4 – Repórter Secreto investiga acusado de ter desviado 100 milhões de reais

1) Descrição de conteúdo

A quarta reportagem investiga uma falcatrúia que se iniciou no município de Belém de Maria, no interior de Pernambuco, com um desvio de 15 milhões de reais, podendo chegar a 100 milhões em todo o estado. O prefeito, conhecido como Tio Correia, está foragido e é acusado de chefiar um “laranjal” para lavagem do dinheiro. Além de contratar um juiz de pelada que recebe mais que um árbitro do brasileirão e até mexer com os que já faleceram, com a não ampliação do cemitério da cidade. Na reportagem de 8’21” é possível ver 27 sonoras, entre elas fontes especializadas e personagens.

2) Elementos que mostram o “jornalismo investigativo”

I. Elementos na imagem

A quarta reportagem usa de flagrantes do recebimento de propina pelos prefeitos (imagens feitas por telefone celular). Imagens de contratos dos “empresários” que na verdade eram laranjas (3’06”), cenas chocantes que mostram a situação crítica em que vive a população. Também aparece no final da matéria as fotos dos políticos que estão presos e participam do esquema do prefeito Tio Correia (7’27”). O repórter aparece na chamada do vídeo e oito vezes na matéria, nessa reportagem ele apresenta-se realizando uma entrevista, mas, coberto de azul e com sua voz alterada.

II. Elementos no texto

Na quarta reportagem são apresentadas frases explicando as fraudes cometidas pelo prefeito: “uma pessoa que carregava frete num dia e no outro amanhecia proprietário de empresa que licita milhões de reais no município”, “esquema de desvio do dinheiro público que já tá em 15 milhões de reais mas pode chegar em 100 milhões em todo o estado de Pernambuco”. A prefeita interina explica o que encontrou quando assumiu: “o município tinha quatro folhas atrasadas, uma revolta muito grande, fornecedores seis meses um ano sem receberem os compromissos com a prefeitura”. Uma fonte que não quis se identificar, apresentou sua revolta: “saquearam o município de Belém de Maria, da forma mais canalha possível”, e o promotor de justiça opinou: “a prefeitura, ela aparentava ser na realidade, um grande caixa eletrônico para os participantes do esquema, principalmente o prefeito”. Além

de citarem os crimes como: “peculato”, “fraudes à licitações”, “organização criminosa”, “corrupção passiva” e “lavagem de dinheiro”.

3) Elementos de entretenimento

4)

I. Elementos na imagem

Na quarta reportagem, antes mesmo da chamada da matéria, eles descrevem o contexto do desvio usando mãos, um braço e um bolso para esconder o dinheiro público roubado (02’'). Na chamada da matéria o repórter aparece coberto de azul e em seguida o ratinho computadorizado (slogan do quadro) se transforma em um fantasma. A trilha sonora começa com uma música de sofrimento depois se transforma para uma de suspense. Várias vezes é usado as mãos fazendo sinais de fuga (2’06’'), de dinheiro (8’08’'), de aspas (1’22’'; 3’15’') para mostrar o que real e o que não é, e grades de cadeias nas fotos dos laranjas que foram presos (3’40’'). A imagem de um ratinho computadorizada aparece dedetizando e dela sai dinheiro (4’31’'), além de uma árvore de dinheiro com uma pessoa podando (4’58’'). No final para exemplificar o crime de lavagem de dinheiro, aparece um tanque cheio de água e notas sendo lavadas (7’48’').

II. Elementos no texto

No começo da quarta reportagem é feito uma paródia com a história do ratinho que rouba o queijo, da seguinte forma: *“Cadê o dinheiro que tava aqui? O rato roubou. Cadê o rato? O laranja escondeu. Cadê o laranja? O corrupto usou. Cadê o corrupto? Aproveitando o dinheiro que roubou!”*. Também são utilizados jargões conhecidos como “arreda fantasma!” e “pode isso Arnaldo?”. Além de expressões coloquiais como “penou”, “a coisa tá tão feia”, “fantasmas que apanam o dinheiro público”, “povo todo”, “deu no pé!”, “futucar o laranjal”, “caiu dentro”, “em cana”, “dinheirama”, “de mentirinha”, “deu um trato nelas” e “galera jogando pelada, legal!”. Mesmo sem ser um dos pontos analisados, a entonação de voz do narrador-apresentador (Tadeu Schmidt) é bem forte no momento em que fala o valor exorbitante de oito mil reais pago a um juiz de pelada (8’21’').

c) Leitura analítica e intersecções dos elementos

Após as matérias terem sido analisadas, podemos perceber que a interação de elementos do Infotainment (com predominância de textos, som e imagens semelhantes à narrativa ficcional, desenhos, grafismos, ironias) em matérias investigativas, pode causar curiosidade no telespectador. Como foi salientado, a autora Dejavite pontua que o jornalismo tinha o papel de informar e formar opiniões da população com base nos acontecimentos, e o entretenimento servia para divertir essas pessoas. Considero pela análise que fiz que hoje, as fronteiras entre o entretenimento e o jornalismo praticamente não existem.

Michael Maffesoli (1989, apud Dejavite, 2007, p.03) afirma que não é só a informação que as pessoas querem, “mas também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem”.

O quadro “Câde o dinheiro que tava aqui?” que foi escolhido para a análise, conduz para que a população participe, já que as reportagens só são feitas por meio de denúncia dos moradores que sofrem com tais crimes. E qual a função do jornalismo? Principalmente do investigativo? Desmascarar e denunciar as mazelas que a sociedade passa.

Segundo o autor Dirceu Fernandes Lopes (2003), o jornalista investigativo é aquele quem dá os passos para obter os dados, informações, para completar a busca. Ele não é “um mero receptor de informação”, ele que faz a informação.

O quadro, em especial, sabe dividir muito bem a hora de entrar com os elementos do entretenimento na investigação sem que o conteúdo perca sua autenticidade, mas deixando o mais suave possível para o público. As intersecções compõem uma conjunção tênue, que na verdade se completam de uma maneira que sem um, o outro não conseguiria atingir o objetivo.

Nessa linha, Luiz Gonzaga Motta (2005) afirma que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, a utilização dos elementos de entretenimento é uma forma de modificar a nossa veracidade.

9. CONCLUSÃO

Como foi verificado na hipótese de pesquisa, esse trabalho propôs mostrar o obstáculo que existe quando o assunto é jornalismo de entretenimento. Essa barreira faz com que haja a não aceitação do Infotenimento, desse modo ele fica sem brio e passa a não ser considerado um tipo importante da classificação. Por outro lado, o jornalismo investigativo é conceituado como referência da profissão.

Assim, algumas vantagens do uso do entretenimento no jornalismo investigativo tangíveis: aproximação com público leigo, conferir maior visibilidade ao tema, diminuir a densidade e o alarme social. Por outro lado, são desvantagens: minimização da problemática, ironia a temas sérios, perda da verossimilhança com a “realidade”.

De todo modo, é possível observar, depois de leituras e pesquisas, que a hibridização entre o jornalismo investigativo e de entretenimento pode ser constatada a partir da percepção nos programas televisivos. Em função disso foi definido o quadro *Cadê o Dinheiro que tava Aqui?* do Fantástico para análise. Pelo fato de a televisão narrar histórias e notícias, existe uma facilidade em produzir algo para o público tornando os fatos mais acessíveis.

E quando nós atentamos para a combinação dos elementos do entretenimento com o investigativo, podemos perceber que não existe uma fronteira específica para cada um. Os dois se completam e a junção desses elementos conecta-se e traz a informação, ainda que com uma carga de ficcionalidade. Fica impossível localizar os “ambientes” de cada um. Na amostragem, há exemplos de elementos de entretenimento nos materiais investigativos, onde a mensagem a ser passada não é alterada substancialmente. Os fundamentos do entretenimento só acrescentam a informação na hora de ser assimilada por quem a consome.

Definir a importância do Infotenimento no jornalismo não é uma missão simples, já que suas características são bem pontuais. Alguns programas televisivos passam a impressão de serem mais divertidos ao invés de serem informativos, principalmente por já disporem do texto com linguagem coloquial, apresentarem quadros interativos e bastante imagens. Mas, o Infotenimento também pode ser interpretado de outra

forma, com o intuito de deixar a informação mais leve, dinâmica e a fim de atrair cada vez mais o público. O tema poderia ser explorado também em outras mídias, como o rádio, que possui características mais coloquiais e no online, que têm tantas plataformas ao seu favor.

Utilizar elementos do entretenimento no jornalismo investigativo é transformar a notícia em algo mais informal e tênue para quem consumir essa informação. Distante de finalizar a discussão desse conteúdo, a pesquisa desse trabalho busca demonstrar que o ambiente a ser explorado da inserção do entretenimento com o investigativo é enorme. Visto que não é um tema muito explorado pelos estudiosos da comunicação e carece de mais estudos e profundidade acadêmica. Outros trabalhos podem ser feitos também ao se buscar características de entretenimento em mídias impressas e eletrônicas, o que pode ser uma das marcas nítidas no nosso tempo híbrido por natureza.

10. REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. Os (des)caminhos da notícia rumo ao entretenimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano V, n. 1, p. 63 – 73, jan/jun. 2008. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p63/10221>> Acesso em: 16 nov 2015.
- ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV, Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BERLO, David K. **O processo da comunicação introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015**: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: SECOM, 2014. Disponível em:< <http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=37192> > Acesso em: 08 abr 2016.
- BUCCI, Eugênio. TV Pública não deve fazer entretenimento. **Observatório da Imprensa**, 16 jan 2007. Disponível em:< <http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/tv-publica-nao-deve-fazer-entretenimento/> > Acesso em: 15 maio 2016.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.
- DEJAVITE, Fábila. A. A notícia *light* e o jornalismo de infotenimento. In INTERCOM, 30, 2007, Santos. **Resumos...** Santos, 2007. P. 1-15. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1472-1.pdf> > Acesso em: 16 nov 2015.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. Infotenimento nos impressos centenários brasileiros. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.5, n. 1, p. 37-48, jan/jun 2008. Disponível em:< <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5558/5045> > Acesso em: 03 mar 16.
- FERREIRA, Fábio Gonçalves. Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte. In INTERCOM, 2012, São Bernardo do Campo. **Articles...** São Bernardo do Campo, 2012. P. 2-11. Disponível em:< <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114> > Acesso em: 12 maio 2016.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo norte e sul**. São Paulo: EDUSP, 1997.

LOPES, Dirceu Fernandes (Org.); PROENÇA, José Luís (Org.). **Jornalismo Investigativo**, São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião do jornalismo brasileiro**, Porto Alegre: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **O que é jornalismo? É possível entender através dos gêneros**: depoimento. [7 de maio, 2008]. Blog Gêneros Jornalísticos. Entrevista concedida a Lia Seixas. Disponível em: < <http://generos-journalistic.blogspot.com.br/2008/05/o-que-jornalismo-possvel-entender.html> > Acessado em: 11 abr 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In INTERCOM, 2005. P. 1-16. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf> > Acesso em: 05 maio 2016.

NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações**. Tese de doutorado. UnB, 2007.

PATERNOSTRO, Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo, Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PONTE, João Pedro da, **Estudos de caso em educação matemática**, 2006. Disponível em: < [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3007/1/06-Ponte\(BOLEMA-Estudo%20de%20caso\).pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3007/1/06-Ponte(BOLEMA-Estudo%20de%20caso).pdf) > Acesso em: 20 maio 2016.

RABAÇA, Carlos Alberto. Barbosa, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**, Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RONDELLI, Elizabeth. Realidade e ficção no discurso televisivo. **Revista Letras**, Curitiba, v. 48, n. 48, p. 149-162, 1997. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19016/12326> > Acesso em: 05 maio 2016.

SEIXAS, Lia. Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. **Galáxia**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 165-179, jun 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a14.pdf> > Acesso em: 10 abr 2016.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás da notícia, São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Fabiana Moraes. A não notícia, um produto de infoentretenimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 99-108, jan/jun 2008. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p99> > Acesso em: 16 nov 2015.

SOSTE, Demétrio. Jornalismo Diversional e Jornalismo Interpretativo: Diferenças que Estabelecem Diferenças, In INTERCOM, 33, 2010, Caxias do Sul.

Resumos...Caxias do Sul, 2010. P, 1-15. Disponível em:<
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1142-2.pdf> > Acesso
em: 15 abr 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga. **Entretenimento, uma crítica aberta**. São Paulo: Senac, 2003.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**, Porto Alegre: Bookman, 2001.